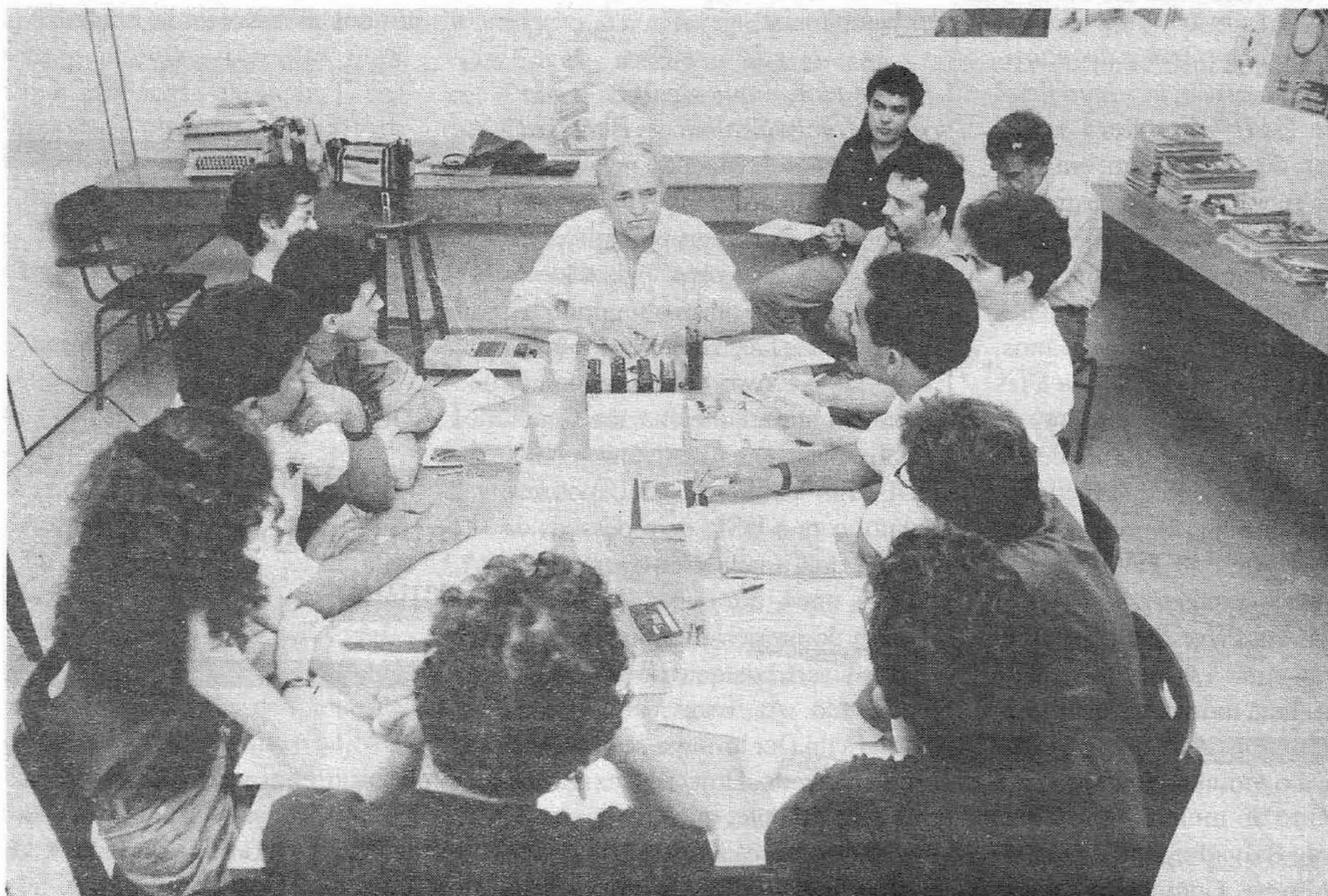


Nem só de farinha vive J. Macêdo



José Macêdo: empresário cearense ligado ao trabalho do Grupo J. Macêdo há 53 anos é também muito ligado à vida em família.

Com apenas 9 anos, José Dias de Macêdo deixava de jogar pelada com meninos de sua idade para ajudar o pai no comércio, em Camocim. Sempre gostou de trabalhar. Para ele, trabalho é saúde. Hoje, aos 73 anos, é dono de um grupo empresarial diversificado e de muito sucesso: o Grupo J. Macêdo.

Desde cedo gostou de inovar no que se referia a trabalho. Quando tornou-se sócio de seu cunhado Carlindo Cruz, numa firma de representações, J. Macêdo já era sinônimo de inovação. Trabalhador incansável, andava "alinhado" de terno branco e sapato preto, como ditava a moda da época. Em suas andanças pela cidade, percorria mercearias "vendendo seu peixe" e procurando "peixes diferentes para vender". Tanta dedicação e trabalho foram recompensados.

Casado com Maria Proença há 50 anos, J. Macêdo se diz doutor com pós-graduação em criação. É pai de 8 filhos, tem 26 netos e 9 bisnetos. O segredo para um relacionamento tão duradouro, segundo ele, é dar importância à mulher. Não poupa elogios à mulher dele. "Minha mulher é uma mulher valente, mulher calma, tranqüila, mas muito forte". Tranqüilidade é o que sente por ter uma mulher tão competente como companheira.

Seu patrimônio abrange cinco áreas: veículos e máquinas, eletromecânica e de transformação, alimentos, bebidas e agroindústria. No Ceará, foi responsável pelo primeiro frigorífico industrial, pelo primeiro moinho de trigo, pela primeira cervejaria e pela primeira financeira. No Nordeste, o

grupo construiu a primeira fábrica de transformadores elétricos e implantou a primeira industrialização do trigo.

J. Macêdo entrou na política para ocupar o lugar do irmão mais velho, Antônio, que morreu pouco antes das eleições. Eleito deputado federal 3 vezes, foi suplente de Senador da República 3 vezes também e Senador da República, uma vez. Em 1959, ano de sua entrada na política, como deputado federal, foi fundada, em homenagem a Antônio, a fundação Doutor Antônio Dias Macêdo. A fundação atende aos funcionários do grupo, dando assistência médica, odontológica e até jurídica.

No começo, eram três "os cabeças" do grupo: José Macêdo, o irmão Benedito e César Montenegro. Hoje existe muito pouco daquele grupo que começou em 1949. J. Macêdo continua sendo um dos "cabeças" do grupo, ladeado pelos filhos mais velhos, Roberto e Amarílio.

Falar sobre os filhos é uma de suas paixões. Mesmo dizendo não ter nenhum filho predileto, envaidece-se ao falar de Amarílio. "Ele é o mais extrovertido. Expressa-se muito bem". Apesar destas qualidades, o pai não quer vê-lo ingressando na política.

A conversa do empresário com os estudantes do Laboratório de Jornalismo Impresso aconteceu em clima de descontração. Falou, falou e falou sobre os negócios. Nesta entrevista, J. Macêdo deu sua opinião sobre política, religião e cultura. Quase sem querer, meio "encabulado", falou da vida dele com a esposa.

Entrevista com o empresário cearense José Dias de Macêdo, dia 10/12/92.

Produção: Liliana Couto e Silvia Carla.
Edição e texto final: Liliana Couto e Silvia Carla.

Participação: Clariane Rebouças, Cláudio Ribeiro, Demitri Túlio, Eduardo Freire, Francisco Roberto, José Rocha, Júlio César, Liliana Couto, Márcio Régis, Oceli Lopes e Silvia Carla.

Foto: Jarbas Oliveira.



O empresário J. Macêdo chegou à sala de redação pontualmente às 14h30min e falou por quase duas horas.

José Macêdo veio acompanhado de dois assessores: Giacomo Mastroiani e Flávio Paiva.

Durante a entrevista, J. Macêdo arrumou várias vezes os gravadores que estavam sobre a mesa.

Laboratório de Jornalismo (LJ) - Doutor Macedo, como vai ficar a posição do Moinho Fortaleza, com a inauguração de um terceiro moinho aqui na capital. Em termos de faturamento e de concorrência, como fica?

J. Macedo (JM) - Fortaleza vai se transformar, digamos assim, em todo o Brasil, na região de maior competição, de maior oferta de farinha. O consumo não aumentou. Nós já temos capacidade de abastecer satisfatoriamente há muitos e muitos anos. Entretanto, a empresa do Ivens Dias Branco é uma grande consumidora de farinha. Ele era o maior cliente de um moinho no Brasil. Não que ele fosse o maior consumidor, mas os grandes consumidores de São Paulo ou Rio fazem o abastecimento de 2, 3, 4 moinhos. Basta dizer que em números, ele consumia 1/3 da capacidade do moinho. Está montando um moinho moderno. Eu creio que, no momento, ele é o moinho mais moderno e mais bonito do mundo. Nós temos o moinho de Salvador, que é tão moderno quanto ele. Começou a funcionar há poucos meses. Nós fizemos uma construção totalmente nova num prédio aproveitado. Agora, esperando esta perda deste cliente extraordinário, nós passamos a trabalhar nos estados vizinhos. Nós estamos vendendo farinha em todo o Norte do Brasil. A farinha Dona Benta está sendo vendida no Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas, Roraima. Soube que até em Letícia chegou este produto do Ceará. Então, com isso nós passamos a vender o que vendíamos antes, mais o equivalente ao cliente Dias Branco. Ele comprava 96 mil sacos por mês. Hoje já reduziu a 60 mil sacos. Vai reduzir a zero. Para as outras, a gente tá vendendo o mesmo que vendíamos antes, considerando o cliente perdido. Se ele entrar no mercado também como fornecedor, aí vamos ver como fica.

LJ - O senhor tem alguma campanha, estratégia, para não perder este mercado?

JM - Mas a campanha já funciona e o resultado nós estamos colhendo.

LJ - E o mercado local?

JM - O mercado local não há quase mudança. Para nós, a grande perda é ele próprio. Ele é um consumidor tão grande, tão grande que vale por metade.

LJ - Como vai ser a recuperação dessa perda desse grande cliente?

JM - A recuperação já houve. Nós já estamos vendendo nos estados vizinhos. Então, no momento em que eles deixarem de comprar, nós voltaremos a fabricar tanto quanto quando eles compravam 100 mil sacos. A nossa produção hoje está maior. Ela foi acrescida. Na proporção que eles fo-

ram reduzindo, nós fomos vendendo lá fora. Então, esperamos não sofrer nenhuma quebra, pois já estamos vendendo mais.

LJ - Senador, o que significa a compra do Moinho Setúbal em Portugal?

JM - O Grupo J. Macêdo no setor de moagem é hoje o grupo mais organizado do Brasil. É o grupo mais competente, mais agressivo. Nós não somos os maiores. Somos o segundo em tamanho. Mas basta dizer que a única Escola de Técnico em Moagem da América Latina funciona no Ceará. Iniciativa nossa, em convênio com o CESP. Em convênio não, mas em contato, com a USP, com pessoas da França e do Canadá. Nós damos aqui, todos os anos, um curso. Antes, um operário de limpeza, inteligente, que passava a ser assistente de moleiro, ia aprendendo. Às vezes, um homem que mal sabia ler tornava-se um técnico de moagem. Hoje nós exigimos, preferencialmente, que eles sejam ou engenheiros mecânicos ou engenheiros eletricitas. Todos os anos sai uma turma com mais de vinte alunos de todo o Brasil, de todos os moinhos. Já veio gente, parece-me, do Paraguai. Agora, nesta turma que terminou,

"O Grupo J. Macêdo no setor de moagem, é hoje o grupo mais organizado do Brasil. É o grupo mais competente e mais agressivo"

veio um de Portugal. O de Portugal é nosso, né? No setor de Técnico de Moagem, nós temos a nossa escola dentro do nosso Moinho Fortaleza.

LJ - O CERTREM, né?

JM - Exato. Pra ensinar ao Brasil e a quem quiser. Agora, no setor de panificação, nós temos no Rio, lá na Avenida Brasil, o que eu chamo de Laboratório de Pesquisa. Está muito bem instalado. É um laboratório dos mais modernos no setor de farinhas e panificação, onde nós temos professores para a fabricação de pães, bolos etc, etc. Cada moinho nosso tem uma escola de panificação. Tem a Escola Dona Benta para ensinar a fabricação de bolos a senhoras. Em São Paulo, nós estamos no momento, de maneira agressiva, conquistando terreno. Uma propaganda feita agora da fari-

nha Dona Benta, nós pedimos aos consumidores que mandassem cartas (Neste momento, Giacomo Mastroiani, um dos assessores de J. Macêdo,

"Cada moinho nosso tem uma escola de panificação. Tem a Escola Dona Benta para ensinar a fabricação de bolos a senhoras"

explicou o concurso: as pessoas teriam que escrever respondendo a pergunta "Qual é a farinha onde você vê a qualidade?"). Até poucos dias nós tínhamos recebido mais de 2 milhões de cartas. Eu fiquei pasmo. Nós tínhamos em Fortaleza uma fábrica para máquinas. Quer dizer, o nosso moinho em Salvador, com exceção dos rolos da parte de moagem, foi todo construído em Fortaleza. Já vendemos equipamentos para a Argentina e vendemos para muitos lugares aqui do Brasil. Agora, o concorrente comprar o seu moinho a J. Macêdo, estava criando, assim, um certo problema. Nós fizemos um arranjo com aquela empresa que era associada nossa (J. Macêdo não disse que empresa era essa) e ela assumiu a fábrica. A fábrica continua vizinha a CEMEC. Nós fizemos uma divisão. Existe no Ceará uma fábrica de máquina para moinho de trigo, graças ao Grupo J. Macêdo, que instalou. Importamos este ano um equipamento de corte de chapa a laser, que é o que há de mais moderno no mundo. Acho que custou, parece-me, um milhão de dólares e um quebradinho. Nós compramos no Brasil, mais 9 moinhos. Destes, nós vendemos o de Natal e fechamos o de Corumbá. Fechamos. Não tinha mais nada. O trigo saía de Santos por estrada de ferro, ia a Corumbá, moía e voltava farinha pra capital do Estado do Mato Grosso. Este moinho foi construído pra receber trigo da Argentina por via fluvial. Aí tá certo, houve uma época em que a Argentina supria mais de 50% do consumo nacional.

LJ - E o Moinho Setúbal?

JM - Agora Portugal é hoje um país que está no Mercado Comum Europeu. Quando a gente desconhece o que está lá fora, pensa que é complicado, difícil, mas é simples chegar à

Europa. Hoje, eu conheço moinho em Portugal, Moinho na França. Conheço moinho da Hungria, da Romênia, da Argentina e do Chile. Não existe, não vi, nenhum moinho por aí igual ao nosso moinho grande de Salvador, que é moderno e automatizado. Procuramos o moinho de Portugal para conhecer a situação lá, pra ver os problemas de trigo na Europa. É um moinho pequeno e de uma família que estava querendo se ver livre dele. Ele não estava dando prejuízo. Foi uma operação, digamos, assim pensada, muito estudada, muito examinada. Pegamos uma equipe nossa do Moinho de Santos: o gerente-geral, o gerente administrativo-financeiro e gerente comercial. Mandamos pra lá. No primeiro mês venderam o que vinha sendo vendido pelos donos anteriores. No segundo mês, dobraram. No terceiro mês, triplicaram. Depois, estabilizou. Nós estamos com a venda de quase quatro vezes o que os proprietários vendiam. Pensei que fosse ter prejuízo durante 1 ano. O prejuízo foi só durante 3 meses. No quarto mês, não deu mais prejuízo.

LJ - Por que Portugal?

JM - O problema da língua. É mais fácil do que querer ir pra França, para Alemanha ou entrar em outro país qualquer. De maneira, que isso é nossa maneira de já botar um pezinho na Europa. Temos lá uma equipe muito competente. Dentro desta visão, nós fomos visitar também a Hungria, porque nós temos um sócio na Fábrica de Biscoitos da Bahia, que é a United Biscuits, que são os maiores produtores de biscoitos da Europa e o segundo nos Estados Unidos. São muito amigos da gente. Eles nos informaram que tinham comprado uma fábrica de biscoito na Hungria. A Hungria

Não é fácil você pegar a Alemanha, a França e a Inglaterra e fazer uma coisa só. A própria Espanha e Portugal têm problemas"

não estava dificultando. Tava fazendo quase que qualquer negócio pra privatizar a sua indústria. Me aconselhou a ir lá para verificar a possibilidade de comprar um moinho na Hungria. Se nós comprássemos, nós

teríamos um cliente, que seriam eles. Fomos com este objetivo, mas por enquanto não.

LJ - A unificação da Europa vai ajudar ou vai atrapalhar os negócios do Grupo J. Macêdo na Europa?

JM - Nosso negócio é muito pequeno na Europa. Portugal é pequeno. Nossa capacidade, nossa produção de farinha no Brasil, o nosso grupo é um pouco maior do que tudo que Portugal fabrica. Compramos um moinho pequeno pra iniciar. Essa união da Europa, eu acho ainda uma coisa problemática. Aperfeiçoar o que está sendo feito lá, acredito que sim. Mas como eles estavam fazendo, não está sendo fácil, não. Não é fácil você pegar a Alemanha, a França, a Inglaterra e fazer uma coisa só. A própria Espanha e Portugal têm problemas. Se isso ocorrer, não vai mudar nada, não. Portugal não é auto-suficiente de trigo. Nosso trigo é consumido na França, onde o trigo é péssimo. O trigo francês é pior do que o trigo produzido no Brasil na safra passada. O que se ouve falar é que o trigo de lá é muito bom e o daqui não presta. Não é. O trigo alemão é bom. O francês não presta. A França importa um pouco de trigo pra fazer determinados produtos.

LJ - Existe uma história de que o senhor teria patrocinado os estudos de um rapaz no exterior para que ele voltasse para trabalhar no moinho. Isto é verdade?

JM - Eu tenho a impressão que essa nossa escola de panificação deve ter surgido... Uma das razões deve ter sido o fato de nós termos mandado, não um, mas dois engenheiros que já eram funcionários nosso. Nós não estávamos visando ser bonzinhos com o técnico. Nós estávamos querendo preparar técnicos de alto nível para trabalhar na diretoria. Eles já eram moleiros, engenheiros formados em Engenharia Civil. Cearenses. Aliás, um é paulista, mas é filho de cearense, é o mesmo que ser cearense. Um é filho de doutor César Montenegro. Um foi primeiro pra Alemanha fazer um curso lá e se deu mal e outro foi pra França. O da Alemanha terminou deixando o curso porque passou a ter atrito com um técnico francês nosso. O outro trabalha no Moinho Fortaleza. Essa gente que nós mandamos pra fora está trabalhando dentro de casa hoje.

LJ - E a formação de altos executivos? Como são recrutados?

JM - É o seguinte, há um grupo que nasceu juntando parafuso na CEMEC, onde estão meus dois filhos, Roberto e Amarílio. Um é economista e o outro é engenheiro mecânico. Onde também está Marcos Brito, que

é hoje diretor-superintendente da parte de moinho de trigo. É uma turma cearense que começou dentro da firma. Depois disso, ficou meio difícil

"Nós passamos a recrutar pessoas já formadas, já feitas em outras organizações. Por isso mesmo estamos com muitos paulistas"

preparar o pessoal aqui porque isso foi muito em função dos meus filhos. Então, nós passamos a recrutar pessoas já formadas, já feitas em outras organizações. Por isso mesmo estamos com muitos paulistas agora. A não ser paulista, tem um que é cearense. Foi contemporâneo do meu filho Amarílio. Já se destacava na época e era alto funcionário do setor petroquímico Itaú. Ele é hoje o gerente-diretor do Moinho Fortaleza. Nosso pessoal de direção-geral é realmente um pessoal de alto nível. Quase todos falam inglês, principalmente os que foram tirados de fora. A necessidade do inglês hoje é imperiosa. Gente feita em casa não tem acontecido muito ultimamente. Tem um fulano em São Paulo que é especialista em escolher pessoas, e é até Macêdo também.

LJ - O senhor é um dos que mais pagam impostos aqui. Esta concorrência dos sonegadores não é uma concorrência desleal?

"A nossa contribuição para o Estado quando o Tasso assumiu era de 10% do total arrecadado e nós não somos 10% do Ceará"

JM - Nós não somos dos que mais pagam. Nós pagamos muito mais dos que pagam em segundo lugar, porque tanto a cerveja quanto o trigo, nós pagamos do nosso bolso. Funcionamos com uma mesa de renda



O empresário usa aliança e um relógio de ouro na mão esquerda.

José Macêdo distribuiu beijinhos entre as entrevistadoras ao chegar e ao sair.

Perguntas sobre sua vida pessoal o assustaram um pouco.



O empresário José macêdo vestia camisa da cambráia de linho bege e calça bege.

De vez em quando usou óculos para mudar o visual, principalmente na hora das fotos.

J. Macêdo explicou o que era recessão escrevendo com uma caneta que trazia em seu bolso.

retaliadora. Devemos adiantadamente o imposto daquele outro que se paga lá na Previdência. A nossa contribuição para o Estado quando o Tasso assumiu era de 10% do total arrecadado e nós não somos 10% do Ceará. Somos 3%. Durante muito tempo eu ligava para o Lima Matos pedindo para ele cobrar imposto, reduzindo assim, nossa participação. Nós estamos contribuindo com 9% do total que o Estado arrecada.

LJ - O imposto único seduz o J. Macêdo. O J. Macêdo apóia?

JM - Você acha possível que haja imposto único no Brasil? Se você me perguntar se eu conheço imposto sobre cheque, eu vou lhe dizer que isso é absurdo. Nós fizemos um estudo e nosso grupo representa milhões de dólares. O imposto único não tem condições, não. Tem que ter é mais impostos.

LJ - Este sucesso empresarial do senhor se dá ao tino de comerciante, ao trabalho ou a sorte?

JM - Quando nós compramos o Moinho Setúbal em Portugal, coincidiu com o moinho na área, que foi dificultado. Isto ajudou muito a aumentar as nossas vendas. Eu disse pro meu filho Amarílio: "Poxa, Amarílio, você não quer que se diga que foi sorte." "Pai, eu tenho horror da palavra sorte." "Isto foi sorte." "Papai, foi competência, não foi sorte, não." "Houve sorte." Olha, é o seguinte: José Macêdo começou a trabalhar num balcão ajudando o pai. Quando vinha da escolhinha, não ia jogar pelada, ia para o balcão. Desde os 9 anos que eu trabalho. Fiz o meu ginásio, sempre dando uma mãozinha em casa. Fiz Economia, já com a minha empresa funcionando e casado. Minha vida tem sido uma constante de trabalho, de ética e de correção. Quando eu comecei com representações, comecei com um cunhado

"Minha vida tem sido uma constante de trabalho, de ética e de correção"

meu. Ele era bem mais velho. Representações era você sair de loja em loja, de mercearia em mercearia, vendendo manteiga, xícara, vendia copo de vidro, vendia vinho, arroz, café em grão. Era um trabalho duro, na rua. Naquele tempo, o sujeito tinha que andar de paletó, roupa branca, sapato

preto. Sempre gostei de trabalhar. Gosto do meu trabalho. Trabalhar pra mim é saúde. Não sou fanático por nada. Minha vida é muito equilibrada em tudo. Sou um sujeito normal. Não fumo. Bebo socialmente. Mantenho um certo controle.

LJ - O senhor implementa na prática dentro da sua empresa a Social-Democracia? O senhor se considera um social-democrata?

JM - Antigamente, tinha o Partido Democrata Cristão, né? A nossa empresa não é dirigida por uma pessoa. Nós fazemos um trabalho de equipe. No passado, nós éramos três cabeças: doutor César Montenegro, meu irmão Benedito e eu. São pessoas cristãs, não-paternalistas. Sempre procuraram olhar o social assim, como coisa prioritária, haja vista a criação em 1959 da Fundação Doutor Antônio Dias Macêdo, que é uma entidade dedicada a atender a parte médica, dentária e até jurídica do nosso pessoal. Escolas primárias gratuitas. São 5 escolas, mais de 2000 alunos, em alguns bairros de Fortaleza. E tem também o salarial. Nós reconhecemos que o salário mínimo realmente não atende às necessidades de uma família. O nosso salário, em certos casos, o mínimo são dois salários. Os nossos diretores que assumem responsabilidades no comando de uma empresa são pessoas que ganham mais que qualquer mini-empresário. Os nossos trabalhadores têm participação nos lucros da empresa J. Macêdo.

LJ - Qual é a sua opinião sobre o governo Ciro? Sobre a política local?

JM - Olha, eu acho que tudo de bom que dizem do governo Ciro é verdade. Eu mesmo fico sem entender como é que o Ceará, com o inverno ruim de 91 e pior em 92... Eu sou fazendeiro. Tenho uma fazenda de gado em Quixeramobim, fazenda muito grande. Tenho fazenda de caju em Aracati, bem grande. Tenho uma fazendinha pequenininha em Capistrano. Tinha fazenda, até agora pouco, no Maranhão. Vendemos, porque era a maior fazenda. Era de uma dimensão que não comporta nossa estrutura. Nosso pessoal de chefia é muito caro. Bom, mas vamos voltar ao Ciro. Nós temos assim, uma vivência mais ou menos global da situação e eu não entendo como é que o Ceará consegue manter este ritmo de produção de edifício, de apartamento, de tudo. Como é que não tem uma quantidade muito maior de falência, de incêndio provocado, até de suicídio. É uma coisa milagrosa. E a razão principal pra isso é o governo, que é equilibrado. Governo que está cobrando impostos e está utilizando. Vê o caso da prefeitura, que é outro milagre. Vocês não ficam pasmos com tanta

obra? É verdade que ele tá arrancando o couro de quem tem imóvel, mas tá tomando e tá aplicando.

"Como é que não tem uma quantidade muito maior de falência, de incêndio provocado e até de suicídio. É uma coisa milagrosa"

LJ - Recentemente, grandes empresas como a Credicard, a Sharp, a Construtora Andrade Gutierrez e a Norberto Odebrecht confessaram que pagaram ao esquema Collor/PC em troca de favores. O Grupo J. Macêdo teve alguma ligação com o esquema Collor/PC?

JM - Olha, a única participação nossa, em algum tempo, na história nossa toda, em matéria de governo, foi numa certa ocasião, que nós participamos de uma concorrência pública. Eu vou fazer um comentário e não façam perguntas em cima de nada, que eu não digo mais nada além do que eu vou dizer. Pra ganhar, conseguiu-se reduzir os gastos até o osso e nossa comissão foi reduzida. Nós íamos ganhar só uma comissão. Aí veio o homem do governo e disse: "Olha, vocês ganharam, mas não levam. Só levam, se dividir." A nossa comissão, acho que foi reduzida a 40%. Isto foi uma chantagem que, se não fizesse, perdia a representação. Isto é o nosso caso. Agora, toda obra grande, que tem por aí, alguém leva alguma coisa. O PC é um sujeito mais sabido, mais preparado. Tá na época do computador. Ele disse: "Não pessoal, vocês tem que pagar, mas pelo meu intermédio". Esta falcatrua toda vai render juros para o Brasil. O pessoal vai ter que ser mais cauteloso.

LJ - Os grandes empresários vieram a público confessar o envolvimento no esquema Collor-PC. O senhor acha que é uma atitude de coragem ou ingenuidade?

JM - Depende de como disseram. Eles disseram coagidos?

LJ - O senhor acha que eles estão posando de vítima?

JM - Em muitos casos eles foram acusados que fizeram mesmo. E são tidos como corruptos. Ingenuidade deles, não. Ingenuidade foi o pronunciamento do ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São

Paulo Mário Amato, que disse que todo empresário sonegava e ele sonegava. Ali foi impensado. No nosso caso, nós não sonegamos, não podemos sonegar.

LJ - Por que não deu certo as experiências do Grupo J. Macêdo em comunicação?

JM - A Gazeta de Notícias foi uma compra pra atender uma situação. Eu tinha sido eleito deputado. Chegou lá em casa um dia, não sei se foi o Waldemar Alcântara. Um grupo aí, que disse que eu precisava comprar a Gazeta porque o Zé Pessoa não agüentava e estava falido. Não era muita coisa e eu comprei. Passei a ter, sem precisar, um jornal. Nunca tive condição. Entreguei ao Dorian Sampaio para gerenciar. Só tinha um mês que não dava prejuízo. Era o mês de julho, que era o mês de aniversário, porque tinha muita propaganda. Onze meses dando prejuízo, contra 1 que não dava. Eu não tinha essa coisa do Edson Queiroz, de ter televisão.

LJ - Nunca pensou em ser como ele?

JM - Não, porque o nosso objetivo é outro. Não dava pra querer ter uma abrangência tão grande. O próprio Zé Pessoa depois me entregou a Rádio Uirapuru, que também tava falida. Foi outra confusão. Nós ficamos com a rádio. Pagamos parte em dinheiro, parte em promissória. Era por 4 meses. No dia em que completou 4 meses, eu tava numa exposição de gado em Quixadá, quando vieram 2 homens pedindo pra prorrogar o prazo. Em ambos tive muito prejuízo. Pegamos a rádio com a torre já pra cair. Tinha uma torre guardada. Nós, depressa, montamos a torre nova. Passamos 4 meses investindo lá, pra depois devolver pra eles.

"Antes eu fazia quarenta minutos de ginástica por dia. Agora, eu passei para uma hora, pela manhã"

LJ - O senhor lê muitos jornais?

JM - Bom, mas aí tá certo?

LJ - Como é que o senhor faz? Acorda e lê os jornais?

JM - Não, assim que eu acordo, antes de levantar, começo a fazer ginástica. Faço um pouquinho, vou ao banheiro, faço a barba e tal e volto. Antes eu fazia quarenta minutos de ginástica

por dia. Agora, eu passei pra 1 hora, pela manhã. Eu leio jornal depois do almoço, na rede. Aí é que eu vou ler os jornais. Tomo café no escritório, despachando com alguém. Recebo muitos jornais: a Gazeta Mercantil, Estadão. Assino a Veja.

LJ - Qual o senhor prefere?

JM - O jornal que leio todo dia é O Povo.

LJ - O senhor ouve rádio?

JM - Não. Não se ouve mais falar em rádio. Eu não ligo mais rádio.

LJ - O senhor assiste televisão?

JM - Televisão, eu assisto muito.

"A vinda daquela orquestra coincidiu com os cinquenta anos do Grupo J. Macêdo e setenta meu"

LJ - Qual é a relação do senhor com a cultura?

JM - Minha relação com a cultura? Eu me detenho mais à parte industrial. Visitar museu não é meu forte.

LJ - Mas o senhor é patrocinador cultural, né? Recentemente, a Orquestra de Hamburgo veio pra cá. É decisão sua ou influência dos filhos?

JM - Foi uma coisa até minha mesmo na ocasião. A vinda daquela orquestra coincidiu com os cinquenta anos do Grupo J. Macêdo e setenta meu. Você há de convir com o seguinte: no grupo tem muita gente de nível superior. Todo mundo tem idéias. O meu mérito é concordar com as idéias boas e não criar problemas. A própria convivência com estas pessoas vai abrindo também a minha cabeça.

LJ - O senhor é um homem muito rico. J. Macêdo tem medo de seqüestro?

JM - Não tenho medo nenhum. O meu anjo da guarda me disse que não há hipótese de seqüestram um homem de 73 anos, porque ele pode ter um infarto, uma confusão qualquer. É melhor pegar gente mais nova.

LJ - O senhor gosta muito dos netos, né?

JM - Eu sou um patriarca convicto. Eu tenho 8 filhos, vinte e seis netos e 9 bisnetos. E acompanho mais ou menos a vida dos meus netos todos e

de alguns bisnetos, já. Eu sou doutor com pós-graduação em criação.

LJ - E o casamento com a dona Maria? Como foi? Como é?

JM - Olha, eu me considero um craque nesta história, porque no resto, não me elogio, não, mas em matéria de manter um relacionamento bom com a mulher... E ter tido a sorte. Minha mulher é uma mulher valente. Mulher calma, tranqüila, mas muito forte. Mas eu consigo administrar (Risos). Administrar tudo com muita competência. Nunca tive filho fora de casa, graças a Deus.

LJ - Qual o segredo?

JM - Para não ter filho fora de casa? (Risos)

LJ - Não. Para administrar tudo em casa.

JM - O segredo é dar importância à mulher. Eu gosto dela.

LJ - A fidelidade é essencial ao sucesso de um casamento?

JM - É. Por parte da mulher é. (Risos)

LJ - E do homem?

JM - O homem precisa ter muita competência pra não complicar o casamento. (Risos)

LJ - O senhor se casou com 22 anos, né?

JM - E meio. Fui pai com vinte e três anos e meio. Avô aos quarenta e dois anos e bisavo aos sessenta e quatro ou sessenta e cinco.

"Fui pai com vinte e três anos e meio. Avô aos quarenta e dois anos e bisavê aos sessenta e quatro ou sessenta e cinco"

LJ - O senhor viveu sua juventude na década de 40. É verdade que naquela época os casais só namoravam de mãos dadas?

JM - No meu caso, é verdade. Eu só tive direito de dar um beijinho depois de noivo (Risos). Esse negócio de mão boba, nada. (Risos)

LJ - Como é que os rapazes cantavam as moças naquela época?

JM - Eu acho que isso varia muito, né? A minha mulher sempre foi muito reservada. Ela não me dava mar-



J. Macêdo perguntou a um dos entrevistadores se não o tinha achado cheiroso quando chegou.

Quando quiseram saber como tinha conhecido sua esposa, o empresário J. Macêdo perguntou se era jornalístico.

José Macêdo tem 8 filhos, 26 netos e 9 bisnetos. É casado com Maria Proença há mais de 50 anos.

J. Macêdo



Ele se diz doutor com pós-graduação em criação. Procura acompanhar de perto seus netos e agora, alguns bisnetos.

Muito católico, tem pena de quem não tem religião. Acha que todos devem adorar a alguma coisa.

José Macêdo riu maliciosamente ao falar de fidelidade conjugal.

gem. Não dava. Acho que é um caso muito especial. Antes dela, os namorinhos que eu tive eram bem mais afoitos. Cada caso é um caso.

LJ - O senhor se lembra como abordou a dona Maria?

JM - Lembro de tudo, de tudo.

LJ - Pode contar?

JM - Isto é jornalístico, é? (Risos). J. Macêdo fez esta pergunta a um de seus assessores).

LJ - É interessante pra gente formar um perfil de J. Macêdo.

JM - Eu, como representante comercial, andava muito na rua. Eu estava na Praça do Ferreira, quando passou a minha futura esposa e outras moças. Ela estava de luto. Perguntei a um senhor se ele a conhecia e ele me disse que ela era filha do doutor Amarílio Proença. Ela morava na Rua Guilherme Rocha e eu passava por lá toda noite, quando ia para o Liceu. Eu estava andando na Praça do Liceu, quando passam 3 moças, ela e mais duas. As duas eram irmãs de um colega meu de ginásio. Elas foram e eu fui atrás. Ela nem se mexia e as outras olhavam pra trás. "Não, eu quero co-nhecer esta de preto". Pararam e me apresentaram. Foi assim que eu a conheci. Não namorava em casa. Fui até o portão da casa dela. Não era escondido, mas pras meninas daqui era uma coisa interessante. Desde o dia em que falei com a minha mulher pela primeira vez, que eu me despedi dela, só deixei de vê-la... Eu me casei em março de 1942, nasceu o menino em 43. Logo depois ficou grávida do segundo filho. Em outubro de 1943 eu fiz uma viagem de negócios ao Maranhão. Foi a primeira vez que me separei dela, não deixei de ver um dia. Era um cara meio fanático (Risos). Domingo, feriado, dia santo. Um sujeito que tem suas qualidades de marido.

LJ - A dona Maria também viaja com o senhor nas viagens de negócios?

JM - Viagens de negócios? Não. Agora, ela viaja mais do que eu. Ela é uma viajante, mas como turista. Conhece dez vezes mais locais do que eu. Eu acho que toda viagem ao exterior é uma oportunidade de você conhecer muita coisa, mas eu vou pra cuidar de negócios.

LJ - Como é a sua relação com seu filho Amarílio? O senhor costuma falar tanto dele.

JM - Eu falo muito do meu filho Amarílio, porque vocês ouvem muito falar dele (J. Macêdo perguntou se

algun de nós o conhecia)

LJ - É o predileto?

JM - Não. A minha filha mais velha diz que é a filha predileta. E eu respondo: "Eu sou o pai predileto. Eu sou o pai preferido." O caso do Amarílio é que ele é o mais extrovertido, se expressa muito bem. Faz palestras pros empresários em São Paulo. Ele é muito voltado pra política. É visceralmente político, mas não pra se candidatar.

LJ - A dona Maria influencia o senhor?

JM - Eu acho que ela tem uma influência extraordinária. Sabe o que é uma pessoa tranqüila, um marido tranqüilo, certo de que sua retaguarda está protegida? Não tem problemas de dinheiro. Na parte doméstica ela é uma pessoa equilibrada. É uma pessoa correta, forte, sabe mandar, sabe orientar. Cuidou dos filhos. Não joga carteadado, não tem vícios, não anda com fofoca. É uma mulher extraordinária.

LJ - O Lúcio Brasileiro vive dizendo que o senhor é o leitor número 1 dele. Isto é verdade?

JM - Bom, eu leio diariamente a coluna dele quando estou em Fortaleza.

LJ - Dizem que todo milionário é excêntrico. Quais são as suas excêntridades?

JM - Não tenho. Eu sou uma pessoa de comportamento mediano. Tenho uma fazenda em Quixeramobim. Eu adoro ir pra lá, pra andar, pra andar a cavalo, nadar, pra remar no barquinho dentro de açude, pra me exercitar.

LJ - O senhor é vaidoso?

JM - Vaidoso? Não. Quer dizer, você não me achou cheiroso, não, quando eu cheguei? (Risos) Pois é. Tomei meu banho. Acho uma falta de respeito, um homem da minha idade chegar fedorento a suor. Eu adoro dar um cheiro numa menina.

LJ - Quais são os seus prazeres?

JM - Já disse.

LJ - Andar cheiroso?

JM - Não. Dar um cheiro. (Risos)

LJ - O senhor caminha na praia?

JM - Não, eu caminhava. Agora, eu faço ginástica e caminho à noite em casa, dentro do muro de casa. Cada volta são 275 metros, ou então, eu tenho uma esteira rolante no meu quarto. Ando 2 quilômetros.

LJ - Qual é a visão que o senhor tem da religião? Como é que o senhor está vendo a religião hoje em dia? O senhor é uma pessoa religiosa?

JM - Se alguém aqui não tiver religião, eu tenho pena de quem não tem

"Eu antecipei o meu casamento para ter uma vida cristã. Hoje o negócio é deferente, quando casa já meteu a vara a muito tempo"

religião. Eu acho que o homem tem que adorar alguma coisa, nem que seja o bezerro de ouro. Estou convencido que a religião cristã é a mais perfeita, tirando o Judaísmo, porque a religião cristã saiu do Judaísmo. A religião cristã tem sofrido muitos ataques e mudanças. A religião católica foi afrouxando e começaram a surgir estes vigaristas, como o bispo Edir Macêdo. E quando não tem o bispo Macêdo, tem a macumba, que é a parte africana totalmente pagã. Agora, nós católicos estamos no fundo do poço na questão das vocações. Você pode observar que os padres novos, todos eles, prevaricam. Sou católico, fui Congregado Mariano. Fiz Retiro Fechado. Vocês sabem o que é Retiro Fechado? No Carnaval, a gente se trancava na Igreja do Cristo Rei. Entrava lá e saía humilde, saía um santo de lá. Tive que me casar moço por isso mesmo. O padre me confessava e tal, eu comungava, às vezes, até diariamente. O padre dizia: "Isto não pode, um sujeito com vinte e dois anos, namorando, noivo. Você tem que casar." O padre marcou uma reunião no Clube Mariano. (Nesta reunião, os Congregados Marianos pretendiam resolver a situação de José Macêdo para que ele pudesse casar mais cedo. Fizemos cálculos até de quando ele ganhava e de quanto gastaria quando casasse. Resolveram que dava para José Macêdo casar com o que ganhava.) Sendo que eu não fui na conversa deles. Eu fiz um arrendamento do Hotel Moreira, que era do meu pai, onde é hoje o Palácio do Progresso. Eu tinha casa, comida e roupa lavada. Eu nunca gastei o que ganhei. Se eu ganhava cinco, gastava quatro ou três, sempre poupei. Eu antecipei o meu casamento pra poder ter uma vida cristã. Hoje o negócio é diferente, quando casa já meteu a vara há muito tempo (Risos).